II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Eixo temático: A subjetividade na formação de professores e outros profissionais

CONSEQUÊNCIAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE: o olhar dos estudantes de Pedagogia sobre docência

Cátia Maria Machado da Costa Pereira, Universidade de Brasília, catiammcp@gmail.com

Joanne Neves Fraz, Universidade de Brasília, fraz.joanne@gmail.com

Geraldo Eustáquio Moreira, Universidade de Brasília, geust2007@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo verificar a subjetividade por meio de representações sociais que os estudantes do curso de Pedagogia têm sobre a prática docente. Pesquisa qualitativa de abordagem empírica construída a partir da teoria das representações sociais de Moscovici (1978) em articulação com a teoria da subjetividade de González Rey (2003). O instrumento usado para a investigação foi complemento de frase, aplicado para estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB) do período noturno e que proporcionou a eles espaço para reflexão, durante sua trajetória de formação, sobre como está sendo construído o seu pensar a respeito do trabalho docente, da docência. As representações sociais compartilhadas pelos estudantes sugerem compromisso com a prática docente. O caráter gerativo da subjetividade e a sua capacidade de produzir novas realidades encontra abrigo na emoção e na imaginação, responsáveis pelas experiências humanas. A análise das atividades dos 12 (doze) estudantes revelou dificuldades a serem enfrentadas na utilização da Teoria das Representações Sociais articulada à Teoria da Subjetividade.

Palavras-chave: Subjetividade; Representações Sociais; Docência.

1 Introdução

As sociedades construíram suas respostas para entendimento do mundo e de si mesmas por meio de interpretações culturais baseadas no cotidiano, estabelecendo relações dualistas da existência, em oposições, ou seja, entre o bem e o mal, luz e trevas, matéria e espírito, alma e corpo, entre outras. Entender a cultura é ponto indispensável ao indivíduo, visto que permite compreender suas histórias e suas relações com o mundo. Conforme Cuche (1999, p. 143) se “[...] a cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração em geração, é porque ela é uma produção histórica, isto é uma construção que se inscreve na história e

**BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB**

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si”. Assim, a cultura, dinâmica e histórica, fornece o conjunto de significação que informa as ações humanas em uma dada sociedade. Nestas ações, culturalmente transmitidas, a história vai sendo construída. Entretanto, a cultura, historicamente situada, vai informando a ação e sendo historicamente transformada.

Em constante transformação, a cultura vai sendo construída em meio a trocas dialéticas por aqueles que convivem, que coexistem em um dado espaço e tempo. Em analogia, o professor constrói um conjunto de significados oriundos de sua história de vida, compartilhados em sua comunidade escolar e que são usados em sua prática docente. Assim, como transmissor e receptor cultural o professor vai tecendo teias de sentidos na construção de sua identidade e de sua prática docente: tecendo o vínculo do que é capaz de se tornar e do que realmente se torna (GEERTZ, 2008).

O professor é uma construção social, cultural e histórica. Cuche (1999) afirma que “[...] uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações” (p. 182). Assim, a prática docente é uma construção social, que faz parte, que compõe e é composta pela cultura do professor, e a ela amarrado, se encontra, em meio às “[...] teias de significados que ele mesmo teceu” em suas relações entre seus grupos sociais, na escola, com seus alunos, com seus pares, na sua história de vida (GEERTZ, 2008, p. 15).

Nesse sentido, para Moscovici (1978, p. 41), as representações sociais são “[...] fenômenos quase tangíveis que circulam e se cristalizam de maneira constante, seja por meio de uma fala, um gesto ou um encontro”, produzidas no cotidiano da formação docente, ela organiza a realidade onde estes sujeitos se desenvolvem. Assim, “a representação social é compreendida como um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no decurso do cotidiano e no decurso das comunicações interindividuais” (MOSCOVICI, 1981, p. 181), possibilitando uma visão funcional do mundo. Sendo socialmente elaboradas e partilhadas concorrem “[...] para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 36), dinâmicas, variáveis e plausíveis de questionamento, refletem uma determinada época histórica que, para Matínez (2018), são expressões de subjetividade.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

A Teoria das Representações Sociais inaugura o estudo dos processos subjetivos da vida social (GONZÁLEZ REY, 2006), são formas de conhecimento prático, orientado para a comunicação e para a apreensão do contexto social, material e ideativo em que estamos inseridos (JODELET, 2001). Constituem, segundo González Rey (2006, p. 70, grifo do autor), “[...] uma forma de produção de conhecimento que assegura a estabilidade do ‘mundo’ no qual as pessoas acreditam, o que representa um processo de produção subjetiva que garante a identidade e a segurança das pessoas”.

Segundo Albertina Mitjanz Matínez, a representação social é uma expressão da subjetividade (informação verbal)¹, assim uma possível articulação entre a Teoria das Representações Sociais (TRS) elaborada por Moscovici (1978) e a Teoria da Subjetividade de González Rey (2003) é possibilitada do ponto de vista cultural-histórico mediante o caráter construtivo interpretativo da investigação desenvolvida por González Rey (2013).

Para Jodelet (2009, p. 696), “[...] a noção de subjetividade nos conduz a considerar os processos que operam no nível dos indivíduos eles-mesmos”. E, em seu diálogo com as representações sociais, a subjetividade aqui é compreendida tal qual conceituada por González Rey (1999, p. 108): “A organização dos processos de sentido que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua”.

A investigação, então, partiu das seguintes problematizações: o que pensam os estudantes sobre a prática docente, sobre a docência? Qual imagem de professor(a) está sendo construída por este futuro docente em formação?

Assim, compreender como “[...] os professores produzem seus processos de aprender em suas famílias, comunidades de convivência, escolas, bem como as possíveis relações com seus processos de ensinar” é importante, enfatiza Scoz (2009, p. 98), para reflexão na elaboração de propostas de curso de formação para a docência.

2 O cenário empírico: a pesquisa

¹ Fala proferida pela professora convidada Dra. Albertina Mitjans Martínez na aula da disciplina *Subjetividade, Cultura e Educação* da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília- FE/UnB, em 23 de outubro de 2018.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Esta pesquisa teve como objetivo verificar a subjetividade por meio de representações sociais que os estudantes do curso de Pedagogia têm sobre a prática docente. É uma pesquisa qualitativa em educação centrada na perspectiva de investigar opiniões, percepções, emoções e representações com abordagem sustentada na investigação com base empírica construída a partir da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) em articulação com a Teoria da Subjetividade de González Rey (2003), cujo procedimento utilizado como indutor de informações, complementação de frases, assumiu o caráter construtivo-interpretativo e dialógico fundamentados nos princípios da Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2013), com destaque para o papel ativo do pesquisador no processo de construção da informação.

O instrumento utilizado foi elaborado como indutor de informações, evidenciando dois aspectos qualitativos da expressão do participante, sendo um pela escrita, com fundamentação no complemento de frases apresentado por González Rey (2005) e o outro por um desenho (representação iconográfica), em aproximação ao enfoque da teoria da subjetividade do mesmo autor (GONZÁLEZ REY, 2003). Para González Rey e Matínez (2017), a subjetividade não aparece de modo direto nas respostas dos participantes, é preciso fazê-las emergir, o pesquisador vai construindo indicadores, a partir das expressões dos participantes, capturados em vários momentos e contextos em que a pesquisa ocorre.

Na primeira parte, o instrumento traz perguntas simples para a construção do perfil da turma como identificação, período que está cursando, idade, sexo, experiência docente e tempo de docência. Na segunda parte há frases para serem complementadas pelos estudantes individualmente, sendo estas, expressões curtas e incompletas, elaboradas intencionalmente visando a produção de significados; há um item que solicita aos estudantes que expressem alguma característica de professor que lhe é referência; e outro item que solicita ao estudante que represente a docência por meio de um desenho e dê um título à produção desenhada, estes, integrados entre si, de tal forma a possibilitar a análise das informações, do sentido subjetivo (emoções, experiências, valores, intencionalidade) de diferentes origens (social, familiar, religiosa, escolar), e assim, abrir a possibilidade de um conjunto de interpretações (GONZÁLEZ REY, 2005). Assenta na segunda parte a estratégia intencional para fazer

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

emergir das representações sociais o processo de subjetivação, visto que esta não aparece de modo direto nas respostas dos participantes.

2.1 O contexto da pesquisa

A pesquisa foi aplicada em novembro de 2018, para estudantes (5º ao 9º períodos) regularmente matriculados na disciplina Educação Matemática 2, ofertada no período noturno, do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UnB, Campus Darcy Ribeiro.

A turma era composta por 13 (treze) estudantes matriculados. No dia da aplicação 12 (doze) estudantes estavam presentes e participaram da pesquisa, sendo 11 (onze) estudantes do sexo feminino e 1 (um) do sexo masculino. As idades variaram de 20 a 30 anos. A maioria informou ter alguma experiência docente, como de estágio.

O texto *A Vaquinha*² (autor desconhecido) foi utilizado como estratégia de incentivo e configuração de um cenário de confiança em relação às pesquisadoras para a aplicação do instrumento, pois os alunos ficaram apreensivos com a destinação que poderíamos fazer com as informações levantadas. Foi necessário dar-lhes a certeza do anonimato, para então distribuímos o material de pesquisa.

Ao ter em mãos o instrumento, foi explicada sua feitura e que a característica da complementação de frases é a liberdade de expressão e registro do que lhes vem como resposta primeira. Desta forma, este estudo não mais se alinha à perspectiva da fragmentação de dados coletados, mas apresenta-se como uma proposta de construção teórica com base no olhar dos estudantes do curso de Pedagogia: sujeitos produzindo informações no momento de aplicação do instrumento de estudo. Assim, “[...] cada uma das frases incompletas pode levar a múltiplas situações vividas, evocando dessa forma emoções e reflexões muito diferentes” (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 52), e facilitando a expressão das informações por meio de indutores que envolveram a produção de sentido (GONZÁLEZ REY, 2005a).

Com a finalidade de identificar elementos que pudessem expressar a constituição da subjetividade individual dos estudantes, foram utilizados no instrumento para a complementação de frase 32 indutores curtos, diretos e indiretos. Por exemplo, como

² MIRANDA, S. **Professor, não deixa a peteca cair!:** 63 ideias para aulas criativas. Campinas, SP: Papirus, 2005 (p. 99).

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

indutores indiretos: Material didático... (Frase 26), Planejamento... (Frase 27), entre outros. E, como indutores diretos mais próximos aos objetivos da pesquisa: Por docência entendo... (Frase 1), Prática docente seria... (Frase 7), entre outros. Estas nos permitiram acessar as representações dos estudantes sobre a docência. Ao final das frases, como último item, solicitou-se que o aluno citasse uma característica de professor referência para ele e completasse a informação com o ano, etapa ou série (Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Educação Superior) desse professor. O instrumento foi finalizado com a solicitação de uma representação iconográfica (um desenho) com o título, desta produção.

Os indutores são para a produção de significados e de sentidos subjetivos e assim, abrir a possibilidade de um conjunto de interpretações (GONZÁLEZ REY, 2005a). E, “[...] a particularidade do estudo das representações sociais é o fato de integrar na análise desses processos a pertença e a participação, sociais ou culturais do sujeito” (JODELET, 2001, p. 27).

A representação do desenho, instrumento apoiado em indutor escrito e não escrito de González Rey (2005, p. 66) tem objetivo “[...] semelhante ao de qualquer outro: facilitar a expressão de trechos de informação por meio de indutores que envolvam a produção de sentido”.

3 O universo discente e seus olhares

Participaram da pesquisa, Adriana, Alda, Gardênia, Gicélia, Gilberto, Nilza, Olívia, Pâmela, Raquel, Raiana, Silvana, Vânia (nomes fictícios) estudantes do curso de Pedagogia, cursando entre o 5º e o 9º períodos. A média de idade dos estudantes foi de 23 anos, enquanto a média de experiência profissional foi de 1 (um) ano e 9 (nove) meses.

A multiplicidade de informações levou-nos a fazer uma seleção para a interlocução analítica, assim apresentamos a categoria de representações sociais a qual nos debruçamos, nosso primeiro olhar: a docência. Essa estrutura cumpre a função de organizar as informações visando facilitar a apresentação e discussão dos dados.

Segundo Moscovici (2003, p. 106) “[...] uma representação é uma representação de alguém, tanto quanto representação de alguma coisa”, por meio delas os participantes da

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

pesquisa comunicaram suas compreensões da temática do estudo, interpretando-a e lhe atribuindo sentidos.

3.1 Primeiro olhar: a docência

A partir dos complementos de frases, verificou-se que as representações sociais em relação à docência são visões que transitam nas mudanças da sociedade e estas, respondem aos modelos culturais, sociais, econômicos e políticos ao longo da história e da própria Educação (NÓVOA, 1999). Neste processo, a docência foi se delineando e se estruturando como profissão, na medida em que foi se definindo quem tinha competência de educar ou quem ensinava. Foi se configurando como uma atividade complexa porque “[...] a realidade na qual o professor atua é dinâmica, conflituosa, imprevisível e apresenta problemas singulares que, portanto, exigem soluções particulares” (PEREIRA, 2011, p. 69).

As palavras educar, ensinar, educação e ensino marcaram os complementos de frases dos participantes. Observa-se também que houve uma associação da docência com o processo de interação tanto de pessoas quanto de conhecimento.

Por docência entendo... (Frase 1)

Gicélia - *“a arte de ensinar”*

Gilberto - *“conjunto de interações de conhecimento entre aluno e professor”*

Nilza - *“aceitar seu lugar no mundo e estar ali para fazer alguma diferença”*

Olívia - *“ato de ensinar”*

Pâmela - *“comprometimento com o outro”*

Raquel - *“ensino algo à alguém (ter o dom)”*

Silvana - *“a prática de ensino/aprender com alguém”*

A visão da docência pelos estudantes curso de Pedagogia complementada pelos indicadores “Ser professor(a) é...” (Frase 2) e “Ser professor(a) significa...” (Frase 3), foi associada ao ato de educar/ensinar, quando passamos para o sujeito da ação, este foi representado como aquele que se doa, se dedica ao aluno, referência de vida, cuidador. Assim, unida à representação de docência como ato de ensinar, de mediar o conhecimento, está a representação de professor como aquele que fará parte da história de vida do aluno: uma docência que articula elementos afetivos, mentais, sociais e cognitivos (JODELET, 2001).

Ser professor(a) é... (Frase 2)

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Adriana - *“ser doação, dedicação e responsabilidade”*

Gardênia - *“se dedicar aos alunos”*

Gilberto - *“ser ponte para o caminho discente”*

Nilza - *“muitas vezes ser referência de vida de um aluno”*

Silvana - *“se doar para auxiliar no ensino-aprendizagem de alguém”*

Vânia - *“ser uma pessoa capaz de ensinar conteúdos, quanto aquele que prepara para a vida”*

Ser professor(a) significa... (Frase 3)

Adriana - *“cuidar, ensinar”*

Alda - *“amor, carinho, dedicação”*

Gilberto - *“contribuir para a formação de futuros cidadãos”*

Nilza - *“ser mentor, o ponto de partida da vida de alguém”*

Olívia - *“fazer parte da construção social do educando”*

Raiana - *“amor, compreensão, equilíbrio”*

Vânia - *“ensinar com amor”*

São representações sociais que compreendem um conjunto de conceitos e afirmações originadas no decurso do cotidiano desse indivíduo em formação para a docência e que possibilitaram uma visão do universo docente (MOSCOVICI, 1981).

Para Nóvoa (1992), Saviani (1996), Pimenta (2000), Guimarães (2004; 2006), Charlot (2005), Tardif (2007) entre outros, o aprendizado da docência é um processo longo e contínuo que ocorre por toda a vida profissional, iniciando mesmo antes de o indivíduo tornar-se professor. Alguns estudantes apontaram compromisso e revelaram a conscientização da necessidade do estudo para o processo de formação docente. Vânia diz que *“O estudo faz parte da formação”* (Frase 32) e Pâmela considera a *“O estudo essencial, a base de um profissional de excelência”* (Frase 32).

Em alguns complementos de frases dos estudantes, foram encontrados registros que parece fazer reverberar o pensamento desses autores, visto que concebem a formação para a docência como um processo contínuo, na busca constante por evolução individual e profissional, expressando comprometimento com a sua trajetória de formação.

Formação docente é... (Frase 6)

Gicélia - *“se preparar para ensinar e aprender”*

Gilberto - *“adquirir bagagem, seja conhecimento teórico e /ou experiência prática para buscar sempre a evolução”*

Nilza - *“um processo que nunca acaba, pois você sempre vai estar aprendendo algo”*

Raquel - *“estar preparada, conhecer, dominar conteúdos para ensinar”*

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Silvana - *“apropriar de conhecimentos e reflexões acerca da sala de aula”*

Vânia - *“aquela que prepara para ensinar”*

Parte dos participantes tem uma visão de formação para a docência muito próxima à concepção tradicional, ligando a docência a uma prática de caráter vocacional, por exemplo, Raiana declara sua “Formação em Pedagogia porque *tenho vocação*” (Frase 4), reforçando o pensamento vocacional da docência que ainda hoje faz parte dos discursos sociais e de muitos profissionais da educação.

Vou fazer pedagogia ... (Frase 5)

Olívia - *“por me identificar com a área”* e

Raquel - *“pois desde a infância, pretendi dar aulas para as crianças”*

Silvana - *“porque me identifico com o curso”*

As representações dos alunos do indutor “Bom professor...” (Frase 13) mostrou que a relação professor-aluno também se constitui entendimento de docência, pautada no diálogo, na troca de conhecimentos, na afetividade e na preocupação com o aluno.

Bom professor... (Frase 13)

Adriana - *“é o que olha para a sua turma e para o que está sendo negada à ela, por questões de manutenção do poder”*

Alda - *“é aquele que ama o que faz”*

Gicélia - *“está sempre preocupada em fazer o melhor para a turma”*

Gilberto - *“é aquele que consegue construir o conhecimento com pouco recurso”*

Nilza - *“aquele que faz seu (sua) aluno(a) ser o melhor de si”*

Olívia - *“é aquele que tem empatia pelo aluno”*

Pâmela - *“que busca estar próximo do seu aluno, conhecer o local de fala de quem ele está ensinando”*

Raquel - *“aquele que antes de ser professor, é humano”*

Raiana - *“respeita as individualidades”*

Silvana - *“é aquele disposto a troca de conhecimentos”*

É possível observar, nas informações dos estudantes, uma construção de representação social sobre a docência em que os protagonistas estão num mesmo espaço de formação, ao mesmo tempo se aprende e se ensina. O professor é o mediador, uma concepção importante no processo de formação do pedagogo, para além dos aspectos teórico e prático. Segundo Martínez (2008, p. 125), o professor ao tirar o foco de si, passa a “[...] dar aos alunos o protagonismo que podem e devem assumir para se constituírem em verdadeiros sujeitos de

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

sua aprendizagem, isso desde a educação infantil”. Ou seja, o professor transforma o seu método de forma a favorecer o protagonismo dos alunos como sujeitos da ação em sala de aula.

4 Representações Sociais e Subjetividade: articulações e interpretações possíveis

Para González Rey (2003), as representações sociais figuram como uma produção subjetiva social, e como tal, se organizam simultaneamente nas práticas sociais e individuais, de modo que não são vistas como causas lineares de comportamentos, mas como um sistema complexo de fonte de sentidos subjetivos para qualquer atividade.

A subjetividade social emerge como parte das subjetividades individuais, através da multiplicidade de um repertório diverso de sentidos subjetivos diferentes que caracterizam qualquer espaço ou momento da vida social (GONZÁLEZ REY, 2003). Sendo, portanto, o sentido subjetivo a unidade inseparável do simbólico e do emocional, produzido no momento atual, diante das situações vividas.

Para González Rey e Matínez (2017, p. 79), as configurações subjetivas integram sentidos subjetivos associados a experiências muito diferentes do sujeito, elas permitem identificar uma produção dominante, “[...] nunca é restrita às experiências específicas atuais dos indivíduos e grupos em uma área específica da vida” (GONZÁLEZ REY; MATÍNEZ, 2017, p. 83).

Assim, as configurações subjetivas dos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB) indicam apresentar diversidades, isto porque são fontes de sentidos subjetivos diversos, oriundos de experiências vividas individualmente em outros grupos sociais. As configurações subjetivas que emergem das representações sociais são orientadas exclusivamente pela experiência presente, no caso em questão, pelos indutores de complementos de frase, das características marcantes de um professor e da representação do desenho com o título.

Uma docência cujas representações sociais transitam nas e pelas mudanças da sociedade, gerando reflexões e questionamentos num percurso de obstáculos e possibilidades de sucesso como representou Nilza em seu desenho. Sugerindo uma “[...] reflexividade que

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

mobiliza a consciência de si e engaja o sujeito em uma reorganização crítica de seu conhecimento [...]” (SCOZ, 2009, p. 102), quando em meio a um processo histórico-cultural dinâmico.

Figura 1: O Caminho

Fonte: Pesquisadoras

Outro indicador de sentidos subjetivos avança para reflexão consciente que todo ato de ensinar é político, “Por docência entendo *ato político com nível elevadíssimo de responsabilidade com a sociedade e com o indivíduo que interage, é troca*” (Fase 1), sugerindo com o indicador “*responsabilidade*” que estejam percebendo o ensino muito mais que uma profissão, que a docência é um ofício que exige comprovados saberes no seu processo dinâmico de promoção da autonomia do ser de todos os educandos, como apregoava Paulo Freire (1998).

Para González Rey (2015, p. 14, tradução nossa) as “[...] representações sociais como configurações subjetivas devem ser entendidas como uma mistura complexa de sentidos subjetivos nos quais as ações sociais são fundamentadas”, assim, “[...] o sujeito representa o momento vivido das configurações individuais subjetivas na ação, tornando-se o elo entre as subjetividades sociais e individuais”. O caráter gerativo da subjetividade e a sua capacidade de produzir novas realidades encontra abrigo na emoção e na imaginação, responsáveis pelas experiências humanas.

Na construção social dos estudantes pesquisados, as características de um professor referência aparecem predicadas como ser inovador, dedicado, preocupado com o aluno,

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

amoroso, carinhoso e atencioso, inteligente, desafiador e criativo, determinado, comprometido, incentivador indicando características desejáveis e vínculo afetivo, promovidos pelas boas experiências vivenciadas em práticas positivas pelos estudantes em suas trajetórias escolares: este sujeito que emerge no processo de formação para a docência articula experiências vividas e experiências vivenciadas ao apresentar sua percepção da docência.

É sabido que a percepção pessoal sobre o mundo é resultado de discussões e vivências, assim, as representações são socialmente construídas dentro de um determinado grupo. Portanto, a representação social é uma construção, ela explica como um grupo se apropria de um objeto social, no caso, uma característica de um professor que lhe fosse referência, abrindo possibilidade para recriar coletivamente seu significado, e podendo gerar uma nova orientação para a formação e, conseqüentemente, para a prática docente.

Dentre os vários desenhos criados pelos estudantes foi escolhido um que também corroborasse o significado simbólico-emocional construído pelo grupo. O desenho de Alda, intitulado “Importante que cuidemos de nossas crianças” apresenta uma representação afetuosa da docência compartilhada pelo grupo, futuros pedagogos cuja habilitação é para a docência na educação infantil e anos iniciais.

Figura 2: O representar a docência em forma de desenho

Fonte: Pesquisadoras

A leitura do desenho sugere existir elementos do campo sócio emocional, oriundos de experiências vividas permeando a formação e a pretensa carreira docente dos estudantes

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

pesquisados. Para González Rey e Matínez (2017, p. 53), as “[...] contradições entre aquilo que o indivíduo se propõe e os sentimentos que vão num sentido contrário é forte, porém, é a única alternativa de superação do conflito e de abrir outra trajetória de vida”, podendo determinar transformações no curso da experiência.

5 Considerações finais

A atividade de complemento de frase proposta aos estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UnB, Campus Darcy Ribeiro proporcionou a eles espaço para reflexão, durante sua trajetória de formação, sobre como está sendo construído o seu pensar a respeito do trabalho docente.

Nesse sentido, o diálogo e a articulação entre subjetividade e representações sociais devem ser considerados valiosos no campo da educação, pois permitem verificar como uma intervenção sobre as representações apresentadas pelos estudantes poderá contribuir para uma mudança de subjetividade, visto que, segundo González Rey (2005) se trata de um “[...] entrelaçamento de processos e emoções simbólicas que simultaneamente caracterizam o curso das ações dos sujeitos sociais e individuais nas redes sociais em que essas ações ocorrem” (p. 2, tradução nossa). Para o teórico, estas ações e experiências somente tem sentido quando portadoras de uma carga emocional (GONZÁLEZ REY, 2003).

A análise das atividades dos 12 (doze) estudantes revelou dificuldades a serem enfrentadas na utilização da Teoria das Representações Sociais articulada à Teoria da Subjetividade. A forma de buscar opinião, concepção do grupo sobre a prática docente, utilizando exclusivamente o complemento de frase de González Rey (2005) apresentou limites para a análise e para a construção do conhecimento, visto que para tal é necessário outros instrumentos, espaços e tempos para observações e diálogos com os pesquisados, estes não contemplados neste estudo, pela inviabilidade temporal.

As informações produzidas neste artigo não pretendem ser exclusivas, outras possibilidades interpretativas sobre formação para a docência, prática docente e formação continuada são possíveis à luz interpretativa de outros pesquisadores, tornando possível gerar inteligibilidade através do estudo de qualquer configuração subjetiva, conforme afirma

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

González Rey (2015), independente de quão longe essa configuração subjetiva seja aparentemente de tais questões.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Universidade de Brasília - UnB, ao Grupo Dzeta Investigações em Educação Matemática - DIEM e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal - FAPDF, financiadora do Projeto de Pesquisa “Formação do professor de Matemática na Perspectiva da Educação do Campo: formação e prática docente, didáticas específicas de Matemática e acompanhamento da aprendizagem do aluno”, pelo apoio.

Referências

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização questão para a educação hoje**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998 (Coleção Leitura).

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Antropologia Social. 1. ed. Reimpressão, Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em: https://moodle.fct.unl.pt/pluginfile.php/122511/mod_resource/content/0/Leituras/Geertz01.pdf. Acesso em 26 nov. 2018.

GONZÁLEZ REY, F. O emocional na constituição da subjetividade. In: LANE, S.; ARAÚJO, Y. (Orgs.). **Arqueologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 36-56.

_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

_____. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

_____. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: GONZALEZ REY, F. (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005a, p. 27-51.

_____. As representações sociais como produção subjetiva: seu impacto na hipertensão e no câncer. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 69-85, dez. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872006000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 dez. 2018.

_____. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Construindo o compromisso social da psicologia).

_____. Subjetividad, cultura e investigación cualitativa en psicología: la ciencia como producción culturalmente situada. **LIMINALES**. Escritos sobre psicología y sociedad/Universidad Central de Chile. Vol. 1, N° 04, Noviembre, 2013, p. 13-36.

_____. A new path for the discussion of Social Representations: Advancing the topic of subjectivity from a culturalhistorical standpoint. **Theory & Psychology**. Yale University Library on July 5, 2015.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Alínea. 2017.

GUIMARÃES, V. S. (Org.). **Formação de professores-saberes, identidade e profissão**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

_____. **Formar para o mercado ou para a autonomia? O papel da universidade**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

JODELET, D. Représentation Sociale: Phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. **Psychoologie Sociale**. Paris, PUF – Fodamental, 1988, p. 357-389.

_____. Representações sociais: um domínio em expansão. In: MOSCOVICI, S. (Org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

_____. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília (DF), v. 24, n. 3, p. 679 -712, 2009.

_____. Conferência de Denise Jodelet por ocasião do recebimento do título de Honoris Causa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (9/11/2009). In: SOUSA, C. P. (et al.). **Representações Sociais: estudos metodológicos em educação**. Curitiba, PR: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2011, p. 11-33.

MARTÍNEZ, A. M. A criatividade como princípio funcional da aula: limites e possibilidades. In: VEIGA, I. P. A. **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas, SP: Papirus, 2008 (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: Press Universitaires de France, 1981.

_____. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1992, p. 13-33. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf. Acesso em 26 nov. 2018.

NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto, Portugal: Porto, 1999.

NUNES, I. B. Noções de Educação a Distância. **Revista Educação a Distância**, n. 4/5, Dez./1993-Abr/1994, Brasília (DF), Instituto Nacional de Educação a Distância, p. 7-25. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EAD/NOCOESAD.D.PDF. Acesso em 19 nov. 2018.

PEREIRA, C. J. T. **A Formação do Professor Alfabetizador: desafios e possibilidades na construção da prática docente**. 130f, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, 2011.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000, p.15-34.

SAVIANI, D. Os saberes implicados na formação do educador. In: BICUDO, M. A.; SILVA JUNIOR, C. A. (Orgs.). **Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade**. São Paulo: Unesp, 1996, p. 17-43.

_____. **Escola e democracia**. 38. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SCOZ, B. J. L. Aprendizagem e ensino de professores. Sentidos Subjetivos. MARTINEZ, A. M.; TACCA, M.C.V.R. (Org.) **A complexidade da aprendizagem**. Destaque ao ensino superior. Campinas, SP: Alínea, 2009.

TACCA, M. C. V. P.; GONZÁLEZ REY, F. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2008, 28(1), p. 138-161.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Site <https://www.fernandogonzalezrey.com/>